

“Esse cara se emociona à toa”: a matriz heterossexual e as emoções no ambiente de trabalho¹

Renan Gomes de Moura²
Rejane Prevot Nascimento³

Resumo

Em um contexto social, a heteronormatividade influencia a diferenciação emocional entre homens e mulheres e cria estereótipos de gênero. A heterossexualidade se torna o modelo normativo para definir gênero e sexo, reproduzindo-se de várias formas, como na divisão sexual do trabalho. Este artigo explora como a inteligibilidade no ambiente de trabalho, por meio das emoções, define os corpos considerados "abjetos". A pesquisa revela que expressar emoções no trabalho não só rotula alguém como fraco e não profissional, mas também como menos masculino. Não mostrar emoções no trabalho reflete a rejeição de uma sexualidade não convencional.

Palavras-chave: Emoções; Organizações; Gênero; Heteronormatividade.

"This guy gets emotional too easily": the heterosexual matrix and emotions in the workplace.

Abstract

In a social context, heteronormativity influences the emotional differentiation between men and women and creates gender stereotypes. Heterosexuality becomes the normative model for defining gender and sex, reproducing itself in various ways, such as in the division of labor by gender. This article explores how intelligibility operates in the workplace through emotions and how it defines bodies considered "abject." The research reveals that expressing emotions at work not only labels someone as weak and unprofessional but also as less masculine. Not displaying emotions at work reflects a rejection of non-conventional sexuality.

Keywords: Emotions; Organizations; Gender; Heteronormativity.

Introdução

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

² Doutor em Administração pela Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO). E-mail: renagmoura@gmail.com

³ Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: rejaneprevotn@gmail.com

As emoções sempre funcionaram como marcadores de gênero por meio de estratégias discursivas. Por exemplo, ao retomar as memórias é muito usual lembrar dos adultos falando que homem não chora ou que chorar é coisa de menina. Essas falas não trazem à tona somente a divisão de gênero das emoções, mas também questões ligadas à sexualidade.

Ressalta-se que havia uma tendência na sociologia (e nas ciências de um modo geral) de assumir que os homens representavam toda a humanidade ou que homens e mulheres desempenhavam papéis “complementares”. Viana (1997) chama atenção para a polarização frequente entre homens e mulheres e aponta que as mulheres geralmente simbolizam a reprodução da espécie, ou seja, a natureza, enquanto os homens são destinados à conquista e à ocupação de espaços na vida pública. Logo, essa polarização tende a reafirmar o estereótipo do homem como agressivo, forte e racional; e da mulher como dócil, relacional, frágil, afetiva e guiada pelas emoções. A heteronormatividade, portanto, influencia os esforços para diferenciar emocionalmente homens e mulheres de formas estereotipadas de gênero (SCHROCK; KNOP, 2014). Nesse sentido, Butler (2003) afirma que a heterossexualidade se tornou um modelo normativo de definição gênero e do sexo, podendo ser entendida como um padrão compulsório. Ressalta-se que a heterossexualidade compulsória não se refere somente as questões relativas às práticas sexuais, levando ao entendimento de que nós, compulsoriamente, sejamos heterossexuais, como reflexo da matriz heteronormativa, cujo objetivo é manter o sexo heterogêneo, separando-os em duas formas que substancialmente se diferem (BROSIN; TOKARSKI, 2017).

Para Butler (2016) a diferenciação em uma estrutura estritamente binária acaba por estabelecer uma consolidação desta estrutura, tornando, conseqüentemente, qualquer identidade de gênero distinta da binariedade como uma “impossibilidade lógica” ou uma falha no desenvolvimento humano. Logo, identidades gays, lésbicas, trans ou bissexuais, dentre outras, são encaradas como socialmente incoerentes, por fugirem do padrão binário da heteronormatividade (BROSIN; TOKARSKI, 2017).

Essa regulação está atrelada à ontologia do corpo e, para Butler (2016, p. 57-58), a ontologia do corpo é social porque ele “está exposto aos outros, é vulnerável por definição”. A autora ainda enfatiza a ideia de que a ontologia social de um corpo está vinculada à sua capacidade de fazer alguém sobreviver e que não depende apenas de um esforço individual do sujeito e tampouco da existência de uma política identitária, mas sim de sua capacidade de sociabilidade, tornando-se um corpo que importa. Para se tornar um corpo que importa é necessário se enquadrar nas configurações impostas pelas normas heteronormativas de gênero, e os corpos que não se enquadram, são tidos

como abjetos: “corpos abjetos são aqueles que não gozam de uma determinada situação ontológica” (PRINS; MEIJER, 2002, p.161) e esse conceito não se restringe, mas também engloba questões referentes ao sexo e a heteronormatividade. Sendo assim, a ideia de corpo abjeto está imbricada ao conceito de inteligibilidade. Essa inteligibilidade deve ser encarada como uma matriz normativa que busca instituir uma heterossexualidade compulsória, contribuindo assim com a reprodução das práticas que sustentam essas normas, pressupondo uma sexualidade anterior ao indivíduo (BUTLER, 2016).

Tais normas são reproduzidas de diferentes formas pela sociedade, como por exemplo, por meio da divisão sexual do trabalho, que funciona como um lócus e um marcador rígido de masculinidade e feminilidade heterossexual. Soares (2013) aponta ainda que o trabalho emocional, aquele no qual as emoções do trabalhador passam a compor a lógica do capital, também é um marcador da sexualidade. Frente a estas considerações, é possível indagar: Como a matriz heterossexual influencia quais emoções podem ser manifestadas no ambiente de trabalho e quais tornam o corpo abjeto? Buscando responder à pergunta proposta, o presente artigo busca compreender como a matriz da inteligibilidade opera no ambiente do trabalho por meio das emoções e como esta define os corpos abjetos.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizadas entrevistas com seis sujeitos de ambos os sexos (três homens e três mulheres), que atuavam em diferentes profissões, nos mais distintos tipos de organizações, desde bancos até hospitais. Os entrevistados tinham entre 22 e 58 anos e possuíam diferentes formações educacionais.

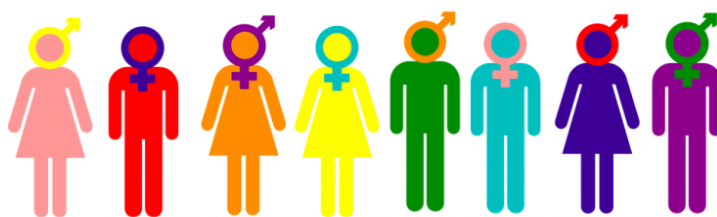
Gênero e Identidade de Gênero

Em diversos momentos históricos as pessoas classificadas como masculinas e as classificadas como femininas recebiam diferentes tratamentos, adquiriam experiências diferentes e desfrutavam e sofriam expectativas diferentes por influências sociais e culturais, com as quais cada sociedade elabora os seus ideais de masculinidade e feminilidade, e esse complexo pode ser chamado de gênero. Nesse sentido, o gênero é

uma consequência social, não biológica, do funcionamento da própria sociedade, de modo que uma população inteira certamente pode desconhecer uma determinada diferença de gênero, ou mesmo opinar falsamente sobre isso, mas a diferença ainda pode estar lá, não por causa da biologia, mas por causa da experiência social comum para os membros de cada uma das classes (GOFFMAN, 1977).

Por meio do pensamento de Butler (2016a), pode-se entender que a palavra gênero permite uma multiplicidade de conceitos, gerando assim uma impossibilidade de se enxergar o sujeito como uma unidade fechada, uma vez que gênero possibilita múltiplas compreensões na esfera do sexo. A autora observa ainda que o gênero deve ser compreendido, também, como significados culturais que o corpo sexuado assume e que não ocorrem de uma maneira específica. Nessa mesma linha de pensamento, Connell e Pearse (2015) afirmam que os corpos possuem agência e são construídos socialmente; logo, as análises biológicas e sociais não podem ser resumidas uma em função da outra. Tais reflexões ampliaram a ideia da binariedade de gênero para uma variedade mais ampla de manifestações de gênero e sexualidade, abarcando sujeitos antes confinados à heterossexualidade compulsória.

Figura 1: Diferentes Identidades de Gênero



Fonte:

<https://encenasaudemental.com/comportamento/insight/sexualidade-sexo-identidade-de-genero-e-orientacao-sexual-a-construcao-do-sujeito-social-e-sua-subjetividade/>

Butler (2019) ressalta ainda que o gênero, enquanto uma construção, pressupõe um agente que não necessariamente seja um “eu” ou um “nós”, que estão localizados espacial e temporalmente antes desta construção. Mas, na verdade, não se pode afirmar

se há esse “eu” ou “nós” que já não tenha se submetido ao gênero, levando em consideração que ao gênero são atribuídas as relações de diferenciação pelas quais os indivíduos veem a existência. Logo, o gênero, para a autora, é um conceito radicalmente aberto a novas práticas, nunca fechado, ou seja, não há um único conceito que o detenha, considerando que o gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas o gênero pode muito bem ser o aparelho pelo qual tais termos são desconstruídos e desnaturalizados.

Por exemplo, para Butler (2019), antes da criança ter consciência de si, os pais quando realizam exames de ultrassonografia para saber o “sexo” do feto deslocam, por meio da linguagem, uma criança de “bebê” para menino ou menina e, por meio dessa nomeação, a menina é feminilizada ou o menino, masculinizado. Nessa mesma linha de pensamento, Louro (2016) ressalta que quando os pais dizem que a criança, no nascimento, é um menino ou uma menina, já estão inserindo o gênero na criança.

A noção de “homem” e “mulher”, ou do que é ser “homem” e do que é ser “mulher” a partir das características anatômicas é frequentemente confundida com a noção de gênero. É a partir da abordagem da questão do gênero nas ciências humanas, por meio do trabalho de autoras como Margareth Mead e Simone de Beauvoir, por exemplo, e do avanço do debate feminista nos anos 1960, que emergem as discussões que colocam em xeque esta visão binária do gênero e sua associação com o sexo biológico. A frase de Simone de Beauvoir (2008), que abre o segundo volume do livro *O Segundo Sexo*, “não se nasce mulher, torna-se mulher”, traduz a ideia de que o que nos torna socialmente reconhecidas como mulheres não é determinado biologicamente, mas é construído a partir de categorias sociais e culturais do que se considera ser uma mulher. Ainda no debate sobre gênero, Butler (2016a), cunha o conceito de “performatividade de gênero”, que em síntese define que o sexo de nascimento não determina nosso comportamento, e que ao longo do processo de socialização e educação apreendemos comportamentos considerados “adequados” e socialmente aceitos do que é ser homem e do que é ser mulher, o que a autora considera como sendo uma “performance”. A forma como nos vestimos, andamos, falamos ou nos comportamos

não revelaria nossa “identidade de gênero”, mas sim a forma como aprendemos a nos comportar para agradar às expectativas sociais.

Já o termo “identidade de gênero” refere-se à forma como o indivíduo se vê, ou com qual gênero ele se identifica, o que pode ser diferente do seu sexo de nascimento. Em síntese: sexo é biológico, gênero é social, “E o gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a autopercepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente.” (JESUS, 2012, p.45). Neste sentido, a identidade do indivíduo pode corresponder ao gênero feminino, masculino, aos dois ou a nenhum dos dois gêneros. Tais conceitos: sexo, orientação sexual, gênero e identidade de gênero são absolutamente distintos entre si, e podem ou não estar articulados com o sexo de nascimento. Conforme já mencionado anteriormente, as representações de gênero são socialmente influenciadas pela adequação à uma matriz heterossexual, desconsiderando as distinções apontadas, entre sexo, orientação sexual, gênero e identidade de gênero. Na próxima seção abordaremos mais detalhadamente como se forma esta matriz e seu impacto sobre as emoções.

A Matriz Heterossexual e as Emoções

O uso do termo “sexo” está associado à diferenciação dos seres em função de suas características biológicas, baseado na distinção macho/fêmea aplicada na natureza. Socialmente, esta construção remeteu à ideia de que os seres humanos que nascem com as características bio e fisiológicas das fêmeas da espécie, comportam-se “naturalmente” como “mulheres”, apresentando como características da feminilidade a doçura, a delicadeza, a fragilidade, a capacidade de expressar suas emoções de forma explícita através do choro, da afetividade etc. Por outro lado, socialmente espera-se que os humanos que nascem com as características biológicas dos machos da espécie apresentem características associadas à força física, à virilidade, à economia de emoções e sentimentos, entre outras.

A classificação baseada no sexo biológico, socialmente aceita e transmitida a diferentes gerações, exclui qualquer outra característica que não atenda à dualidade macho/fêmea, inclusive as diferenças corporais e culturais que adquirimos ao longo da vida. “A dualidade biológica ainda permanece dominante, considerando o sexo masculino e o sexo feminino como as duas únicas possibilidades de ser, existir e se enquadrar que são aceitas socialmente, sendo antagônicos e excludentes, um em relação ao outro” (KERGOAT, 2009, p. 666).

Figura 2: Gênero



Fonte:

<https://veritasvitaculturalis.blogspot.com/2018/06/iii-bimestre-afetividade-sexualidade-e.html>

Uma matriz de normas de gênero se constitui a partir de uma heterossexualização do desejo, que emerge das oposições detalhadas e assimétricas entre o feminino e o masculino (BUTLER, 2016). Na mesma linha de pensamento, Miskolci (2012) compreende a matriz heterossexual como um reflexo da expectativa social dos indivíduos sobre a relação linear entre o sexo designado ao nascer, as práticas sexuais, os desejos e o gênero. Face ao exposto, é preciso compreender essa matriz como um conjunto de práticas reguladoras que engendram identidades coerentes por meio de uma matriz de normas de gênero a qual desconsidera o diálogo entre sexo e identidade de gênero, classificando os comportamentos que não se adequam a esta matriz como ininteligíveis, enquanto aqueles que se alinham a ela, são “inteligíveis”:



Gêneros “inteligíveis”, são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual. (Butler, 2016, p. 38)

A inteligibilidade de gênero é capaz de controlar e proibir qualquer forma de divergência e descontinuidades por meio de normas que objetivam estabelecer relações entre sexo biológico, gênero e suas consequências nas manifestações dos desejos e das práticas sexuais, “por isso, essas normas trabalham e operam dentro de práticas sociais que produzem normalização” (SOUZA, 2016, p. 31). As normas de gênero funcionam sob a égide de restrições sociais, em que a reinterpretação dessas normas é feita por meio da proliferação e variação de estilos corporais, fazendo com que essas regras sejam concretas, acessíveis e que objetivam politizar a vida pessoal. É a partir do conceito de matriz heterossexual que Butler (2016) retoma o conceito de abjeto. Para a autora, o corpo abjeto é aquele que performa um gênero não inteligível, logo o abjeto seria qualquer corpo que performa e se desvia das categorias de gênero inteligíveis, como por exemplo os corpos gays, lésbicas, transexuais etc. Nesse contexto, para Butler, “[...] corpos apenas surgem, apenas resistem, apenas vivem dentro dos limites que produzem certos esquemas regulatórios altamente generificados” (BUTLER, 2019, p. 11).

Para a filósofa, a matriz da inteligibilidade é uma argumentação produzida por meio do discurso, além de ser uma questão cultural, que está instituída nas práticas sociais e tem como resultado o binarismo de gênero e os desejos presumidos, ou seja, uma heterossexualidade compulsória. Sendo assim, o gênero, “não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade” (BUTLER, 2013, p. 194). Esse discurso material produz efeitos ontológicos, ou seja, a possibilidade de existência de um sujeito passa, também, pela matriz de inteligibilidade, sendo assim ele só é reconhecido se ele for sexuado. Logo, esta não é uma questão abstrata, uma vez que ela define sua condição de existência social (BUTLER, 2016).



Nesse contexto as diferenças nas formas de socialização e educação de meninos e meninas introduzem desde muito cedo diferenças nas expectativas sociais demandadas de ambos: às mulheres, espera-se a dedicação ao casamento e à maternidade, a profissões ligadas aos cuidados com crianças e idosos, à higiene e à limpeza, aos cuidados com a estética e à beleza, à docência e a atuação ligadas à assistência social e às humanidades. Com base nestas expectativas é que se desenha, ainda hoje, a divisão sexual do trabalho: as mulheres estão alocadas, predominantemente, nas atividades domésticas, na docência e nos cuidados, enquanto os homens estão predominantemente alocados em cargos executivos, gerenciais, nas atividades de operação de máquinas e transportes, entre outras.

Essa divisão cristalizou em nossa sociedade a noção de que o homem possui o poder de mando e decisão, é o responsável econômico da família e detém o monopólio da força na sociedade, caracterizando o que se entende como sociedade patriarcal. Ainda hoje, algumas atividades ou postos ainda são vedados às mulheres, como nas carreiras militares ou eclesiásticas, ou a elas são impostas barreiras que dificultam a sua ascensão, como a ideia de que as mulheres são excessivamente “emocionais” para determinados postos, por engravidarem, por serem supostamente mais frágeis do que os homens.

O denominado “sexo frágil”, mesmo com as diversas mudanças sociais, ainda fica em desvantagem em contextos profissionais e/ou domésticos, ganhando menores salários para os mesmos cargos, por exemplo, ou precisando dedicar-se a tarefas extenuantes, enquanto o sexo oposto descansa e distrai-se, unicamente porque se é mulher – e vive-se em um mundo sexista (BOTTON et al., p. 667, 2019).

Nesse contexto as emoções e a razão podem ambas serem vistas como positivas ou negativas. As emoções, por exemplo, são tidas como negativas quando associadas ao descontrole, sendo assim fonte de perigo para os outros e fonte de vulnerabilidade de si, lidas como essencialmente femininas. Em contrapartida, a razão pode ser vista como uma característica positiva quando essa permite o controle do mundo e de si e é vista e valorizada socialmente como um atributo masculino (BISPO; COELHO, 2019). Em

oposição ao pensamento anterior, há uma valorização das emoções, ainda como uma característica feminina, à medida que essas são destinadas aos outros, como a empatia e solidariedade. Já a razão, é desvalorizada ao passo que gera um distanciamento do outro quando resulta em indiferença e falta de empatia diante da dor alheia e, nessa concepção, a razão também é vista como uma característica masculina. Na divisão sexual do trabalho, percebe-se que esta noção acaba ainda por desvalorizar social e economicamente as atividades realizadas predominantemente pelas mulheres, em detrimento das mais valorizadas, aquelas exercidas pelos homens.

Percurso Metodológico

Em termos metodológicos, o presente trabalho é orientado por uma perspectiva qualitativa. Ao escolher uma perspectiva qualitativa, assume-se que as pesquisas ancoradas nessa abordagem se fixam nos significados oriundos das relações humanas a partir de diferentes contextos e pontos de vista, fazendo com que os pesquisadores que optam por essa perspectiva se sintam confortáveis com os múltiplos significados que podem surgir da pesquisa. Ressalta-se, também, que a pesquisa qualitativa, proporciona novas descobertas e relatórios por meio da interação entre sujeito e pesquisador. Entende-se, assim, que essa abordagem é fortemente interpretativa. A escolha por essa abordagem está ancorada no fato de a pesquisa qualitativa ser personalista, ou seja, busca compreender os fenômenos de forma individual (STAKE, 2011).

Para a produção do *corpus* desta pesquisa, optou-se por utilizar a técnica de entrevistas de longa duração (*long interview*), também chamadas de entrevistas em profundidade. Em entrevistas curtas, é impossível deixar o entrevistado contar sua própria história e explorar as categorias que emergem do testemunho, algo realizável por meio de entrevistas em profundidade. Outro ponto forte das entrevistas em profundidade é que permitem ao entrevistador intervir em momentos cruciais do processo de pesquisa e garantir que as normas e os objetivos da entrevista longa sejam alcançados. Ela não poupa

do entrevistador a responsabilidade de ter que criar e gerenciar grandes quantidades de tempo e atenção que devem ser dados ao processo de investigação sem alienar os entrevistados (McCRACKEN, 1988).

O *corpus* de pesquisa foi composto pela transcrição de 6 (seis) entrevistas com

Perfil das (os) Entrevistadas (os)							
Entrevistada (o)	Gênero	Idade	Escolaridade/Formação	Estado que reside	Ocupação	Tipo de Organização que atua	
1 Amanda	Feminino	58	Tec. Em Enfermagem	RJ	Técnica em enfermagem	Hospital privado	
2 Roberto	Masculino	31	Ensino Médio Completo	RJ	Recepcionista	Rede de hotel de luxo	
3 Seraphine	Feminino	22	Administração (Cursando)	PI	Vendedora	Franquia de fast food	
4 Sara	Feminino	51	Ensino Médio Completo	RJ	Recepcionista	Motel	
5 Lucas	Masculino	24	Administração (Cursando)	PI	Gerente	Banco privado	
6 Tony	Masculino	23	Administração (Cursando)	PI	Vendedor	Loja varejista	

sujeitos residentes no Estado do Piauí e Rio de Janeiro e que atuavam em diferentes tipos de organizações. No que se refere ainda ao tamanho do corpus da pesquisa, Bauer e Aarts (2015) observam que o corpus deve ser entendido como um conjunto de materiais que podem ser textos escritos, falados ou intermediários, não tendo um tamanho específico. Dessa forma, o corpus de uma pesquisa qualitativa pode possuir qualquer tamanho. Apresentamos na Figura 1 o perfil dos sujeitos entrevistados:

Figura 3: Perfil dos sujeitos da pesquisa

Fonte: Elaborado pelos autores

Para a análise do corpus de pesquisa optou-se pelo aporte teórico metodológico da Análise do Discurso Foucaultiana. Essa escolha implica compreender que a linguagem não se assemelha de forma imediata às coisas as quais nomeia, e nem está separada do mundo, pois continua, de certa forma, a ser um local de revelações, passando a ser um espaço de produção de verdades e que ao mesmo tempo se enuncia e se manifesta (FOUCAULT, 1999). Ao optar por Foucault é importante partir da premissa de que o filósofo “não está preocupado – ou está em um grau diferente – com questões linguísticas propriamente ditas” e que questões morfológicas, semânticas,

lexicais e regularidades sintáticas não são alvo de análise para Foucault (MAGALHÃES; KOGAWA, 2019, p.180).

Foucault (1999) entende que a linguagem não deve ser tratada como um sistema arbitrário, pois ela está no mundo e faz parte dele. Assim como as coisas manifestam e escondem seu enigma como uma linguagem simultaneamente, as palavras servem aos homens como coisas a serem decifradas. A linguagem é uma tarefa que se dá por restituir um discurso que só pode ser enunciado ao se acercar dele, buscando dizer a seu propósito coisas semelhantes, fazendo assim com que nasça, de forma infinita, diversas formas de interpretação. Logo, o conceito de discurso mobilizado neste artigo compreende um “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” (FOUCAULT, 2008, p.135).

Um dos conceitos da AD mobilizado aqui trata-se dos efeitos de sentido. Os efeitos de sentido são os diferentes sentidos possíveis que um mesmo enunciado pode assumir, isso de acordo com a formação discursiva (FD) na qual é (re)produzido. Estes sentidos são orientados por efeitos ideológicos que provocam no ato de interpretar a ilusão de que o enunciado quer dizer o que realmente diz (em seu sentido literal), como apontam Ferreira et al. (2001).

No que tange ao enunciado, entende-se que este são proposições ou frases consideradas desde o ponto de vista de suas condições de produção e não apenas uma frase ou uma proposição (CASTRO, 2016). Nunca se repetem da mesma forma, uma vez que a função enunciativa se altera de acordo com as condições de produção. Então, é por meio dos enunciados que se torna possível identificar os diferentes posicionamentos assumidos pelos sujeitos no discurso (FERREIRA et al., 2001). O enunciado define todas as possibilidades de surgimento e de delimitação no que tange à aplicação de sentido à frase, bem como à proposição de sua condição de verdade (Foucault, 2008).

Uma FD deve ser vista não como um único discurso, mas sim como a possibilidade de um único discurso abrigar dois ou mais discursos (COURTINE, 2016). Assim, uma FD é constituída a partir do interdiscurso e entre formações discursivas distintas. Essa definição de FD propõe que sempre que puder definir uma quantidade de

enunciados, uma regularidade, conceitos e escolhas temáticas que descrevem sistemas de dispersão que objetivam compreender como o discurso se organiza em uma dada ordem, se está diante de uma formação discursiva (FD) (FOUCAULT, 2008; FERREIRA et al., 2001).

Como observado, a interdiscursividade está imbricada ao conceito de FD. Um conjunto de formações discursivas bem determinado possui algumas relações descritíveis, formando assim o que se denomina de conjunto interdiscursivo (FOUCAULT, 2008). Esse conjunto, quando visto em conjunto com outros tipos de discursos, evidenciam relações internas e externas que culminam e caracterizam a história natural e são essas relações que permitem o reconhecimento de uma configuração interdiscursiva. Para Foucault, o que permite a delimitação de uma formação discursiva, bem como suas relações conceituais, deve-se ao modo como o conjunto de enunciados se relacionam a um determinado campo conceitual, “a maneira pela qual o campo de memória está ligado às formas de hierarquia e de subordinação que regem os enunciados de um texto” (FOUCAULT, 2008, p. 66). A memória discursiva faz e é parte de um processo histórico que culminou de disputas de interpretações para acontecimentos presentes ou que já ocorreram e que existe de forma inerente à linguagem, em que os processos discursivos são responsáveis por fazer eclodir o que, em uma memória comum a todos, é característico a um determinado processo histórico (FERREIRA et al., 2001).

Apresentação e Análise Do Corpus de Pesquisa

Por meio do *corpus* produzido, foi possível perceber que o discurso das emoções é atravessado pelo discurso da sexualidade. A discussão sobre essa interdiscursividade está estruturada em dois temas: (i) As emoções e a sexualidade na vida privada e (ii) Emoções, sexualidade e trabalho.

Tema: As emoções e a sexualidade na vida privada

Nesta temática, evidencia-se como emoções e sexualidade são fenômenos imbricados. Por meio dos discursos foi possível compreender que as emoções são dispositivos acionados não só para performar o gênero, mas mobilizadas também para marcar as sexualidades dissidentes dentro da sociedade. Tal fato pode ser observado no seguinte enunciado: *“Meu padrasto falava muito, era pra... qualquer coisinha que eu fazia que não era muito máscula, vamos dizer, ele dizia: “vira homem, eu hein, parece uma bicha”, tipo isso, entendeu? “Parece uma bichinha, seja homem” (Roberto). No enunciado exposto a seguir, as emoções expressas por meio do choro são concebidas socialmente como aquelas pertencentes a sujeitos gays:*

Meu pai era assim, falava pra gente, “tá chorando por causa de quê? Tá igual viadinho?” Meu pai era ogro. Meu irmão, nós nunca vimos meu irmão chorar, nunca chorou [...] Mulher também não, quem chora é viadinho, na época falava é bichinha não era viadinho. “Vai ficar chorando igual viadinho ali pelos cantos?”. Não podia chorar não, tem que ser forte, não podia chorar (Amanda).

O enunciado evidencia que nem homens e nem mulheres devem expressar emoções por meio do choro; caso façam isso, suas sexualidades são postas em dúvida. Outro ponto importante está ancorado na tentativa de mudar as expressões emocionais dos sujeitos e recorre-se à homossexualidade (gay) como uma forma de ofender aquele que está chorando. Nesse enunciado, é necessário observar que para não ser “viadinho” basta parar de chorar. Nota-se que, em ambos os enunciados, os adjetivos “viadinho” e “bicha” não são utilizados para se referir a um sujeito homossexual, mas sim como uma ofensa. Na memória discursiva, chorar sempre demonstra fraqueza e, ao criar uma interdiscursividade com a homossexualidade, permite compreender que ser gay é também ser fraco; se só gays choram, essa fraqueza emerge como uma característica natural desses sujeitos. Partindo do pensamento de Schrock e Knop (2014), as diferenças físicas existentes entre homens e mulheres serviram de base para as transformações culturais e culminaram em uma divisão simbólica e binária das emoções. Pode-se inferir que sujeitos gays não são sujeitos nem masculinos e nem femininos, ou seja, abrindo assim a possibilidade de pensar a homossexualidade – por

meio da figura do “viadinho” e da “bicha” – não só como uma sexualidade, mas também como um gênero a partir da divisão social das emoções.

Alguns enunciados expõem a interdiscursividade entre o discurso das emoções e o da sexualidade. Um dos enunciados diz: *“Qualquer homem que tem sentimentos a mais, acontece muito de ele ser visto como gay, como homossexual”* (Seraphine). Esse enunciado deixa evidente que a demonstração de algumas emoções, por parte dos homens, não é bem-vista socialmente e, caso eles resolvam as demonstrar, são vistos como detentores de uma sexualidade dissidente. Outro enunciado que segue na mesma linha de pensamento é exposto a seguir:

Por exemplo, eu desde pequeninho eu gosto de homem, isso é fato, desde pequeninho. E pelo fato dessa situação, eu sou o caçula de uma família que tem 5 pessoas. São 3 homens mais velhos, meu irmão mais velho tem 45 anos, então eram 3 homens e 1 mulher e o caçula. Então eu tinha que ser igual aos meus irmãos, né, não poderia demonstrar nenhum sentimento um pouco mais... como posso me expressar... um pouco mais amoroso, porque poderia ficar sendo entendido de outra forma. (ROBERTO).

No enunciado anterior, percebe-se que há uma exclusão do filho caçula em termos de gênero e sexo, ou seja, ele se manifesta como um gênero neutro. Pensando nisso, ele deve criar sua identidade sexual espelhada nos irmãos mais velhos e isso inclui aprender quais emoções são permitidas ser expressas pelos homens e que não ponham em dúvida sua sexualidade. No presente enunciado, o comportamento de ser amoroso atribuí ao sujeito certa feminilidade e, como comportamentos amorosos não são esperados socialmente dos homens, isso faz com que seja compreendido como um proto-gay. Os enunciados anteriores evidenciam que as expressões emocionais também obedecem à matriz heterossexual e são constituidoras do que se entende por homem, mulher e gay. Nesse contexto, mesmo não levando em consideração os aspectos emocionais, Butler (2016a) e Miskolci (2012) entendem a matriz heterossexual como manifestação social do que se espera dos sujeitos, considerando a relação linear entre sexo biológico, desejos, práticas sexuais e gênero. No que tange à ideia de ser filho caçula, é possível compreender que esse merece mais atenção e o fato de espelhar sua identidade de gênero no irmão pode ser entendida a partir da memória discursiva sobre

o que é ser filho caçula. Para alguns pais, por ser o filho mais novo, ele acaba sendo concebido como frágil e indefeso.

Em outro enunciado, é possível observar que o discurso sobre emoções é atravessado não só pelo discurso do gênero e sexualidade, mas também pelo discurso do machismo: *“Ah, eu acho que é muito difícil para eles mostrar a emoção, pelo menos, os que me rodeiam, eu vejo isso, entendeu? Eles acham que é coisa de mariquinha, aquela coisa de machista, eles são machistas, entendeu?”* (Sara). Por meio dessa interdiscursividade, as emoções ganham outro sentido nas práticas sociais que se efetivam entre os sujeitos. Nesse caso, elas se mostram como elementos apropriados também pelo machismo, ao dizer o que um homem pode demonstrar sentimentalmente. Logo, as emoções funcionam como marcadores do que é ser homem e o que é ser não-homem. Nesse contexto, é possível recorrer a Butler (2016a) para compreender ainda mais essa divisão. Segundo a filósofa, a existência de uma matriz de normas de gênero se constitui por meio da heterossexualização do desejo que emerge das oposições assimétricas e detalhadas entre masculino e feminino.

Tema: Emoções, sexualidade e trabalho

Na seção temática anterior, foi possível compreender que as emoções atribuem novos sentidos às questões relacionadas a sexualidade e gênero dentro da sociedade. Já nesta seção, buscou-se compreender essas relações no mundo do trabalho. Um dos entrevistados foi questionado sobre como um homem ou uma mulher, se expressasse emoções construídas socialmente como do gênero oposto, eram vistos no ambiente de trabalho:

Provavelmente vai ter um olhar estranho sabe? Um olhar estranho. Aquela pessoa que a galera começa a olhar pra ela e diz “como assim? Fulana tá com jeito meio estranho. É meio que fulano tá querendo ser homem, então fulano tem um jeito muito assim[...] sei lá, ele é todo sentimental, todo fragilzinho, parece até que é uma mulher”. Já presenciei muito esses casos sabe? (Tony).

Na formação discursiva oriunda da fala produzida por Tony, nota-se que existe uma divisão das emoções baseadas no gênero. No que tange às mulheres, quando essas

demonstram emoções consideradas como masculinas, essas não aparentam ser homem, mas sim que querem ser homens. Por meio da FD é possível compreender que as mulheres, quando demonstram emoções masculinas, se deslocam da matriz heterossexual, desobedecendo assim as normas heterossexuais de gênero. Já os homens que demonstram no ambiente de trabalho emoções socialmente consideradas femininas, são vistos como sujeitos que não são homens, pois aparentam, por meio das emoções, serem sujeitos femininos, pois é essa a impressão que passam. Outra questão que emerge do FD evidencia que homens que demonstram emoções femininas no ambiente de trabalho são vistos como frágeis, não por demonstrarem emoções, mas sim por exporem emoções tidas como femininas. Tal fato possibilita compreender que até mesmo no mundo do trabalho tudo que emerge do universo feminino é visto como uma fraqueza. Posto isso, o FD a seguir evidencia várias questões vinculadas às emoções e ao trabalho, como pode ser observado:

Geralmente os homens não gostam de se emocionar muito nessa área, não, porque os que têm um cargo maior já vão achar que ele é viadinho, “esse cara só pode ser viado, esse cara se emociona à toa”. Tem esse preconceito lá. Você pode ver que nos hospitais particulares têm poucos homens técnicos, se vê mais mulheres. Tem poucas negras, se contar lá, entre 30 funcionários você vê 5, 4 negros, ou 5, 4 gays. Nos particulares que eu digo. Agora nos outros que não são particulares você pode notar que a maioria é negra, das técnicas, a maioria são gays, dos homens. Você já notou isso? (Amanda).

Pelo discurso de Amanda, é possível perceber que há uma relação entre emoções, sexualidade e hierarquia dentro do trabalho. Caso os homens sejam sentimentais ou demonstrem suas emoções, eles são encarados pelos seus superiores como homossexuais. Outro efeito de sentido permite compreender que o termo “viadinho” não só é mobilizado para definir a sexualidade do indivíduo, mas também como um adjetivo que busca qualificar o trabalhador como menos profissional. Por meio do FD, percebe-se que essa prática é comum em hospitais privados, entendendo assim que a permissão para se demonstrar uma emoção ou não segue a lógica capitalista. Mediante esse contexto, é possível observar que algumas empresas privadas, dentre as quais encontram-se os hospitais, possuem uma cultura homofóbica e racista, que define quais emoções um homem pode manifestar no trabalho. Soares (2013) evidencia que o trabalho emocional é também um trabalho marcado pela sexualidade.

No que tange à expressão das emoções dentro do ambiente de trabalho, Lucas produziu o seguinte discurso: *“Dentro da organização o respeito ele tem que ser 100%, você não pode, em nenhum momento, mesmo que uma pessoa demonstre uma emoção feminina, você tem que tratar normal né, não que não seja normal, normal né, não pode destratar de forma nenhuma”*. Fica evidente que sujeitos que expressam emoções diferentes daquelas associadas socialmente ao seu sexo biológico devem ser respeitados por conta da cultura da empresa; porém, fora das organizações ele não precisa ter nenhum respeito. É possível extrair ainda desse enunciado a razão da obrigatoriedade de “tratar normal”, dando a entender que esse comportamento é anormal. Embora a organização tenha uma cultura voltada para a diversidade, isso não quer dizer que o trabalhador a reproduza em sua esfera social.

Considerações Finais

Embora o discurso das emoções seja atravessado pelo discurso de gênero no ambiente de trabalho, ele traz outra interdiscursividade, evidenciando assim que o trabalho emocional possui uma natureza marcada pelo gênero e pela sexualidade. Frequentemente, o discurso das emoções traz em seu bojo a depreciação da sexualidade, em específico da homossexualidade. Ser um sujeito emocional no trabalho não faz o indivíduo ser visto só como fraco e antiprofissional, mas também como menos másculo e viril. Não expor as emoções no ambiente de trabalho é demonstrar aquilo que não se quer ser em termos de sexualidade; em outras palavras, é não querer ser visto como aquele que possui uma sexualidade dissidente. Logo, definir quais emoções podem ser sentidas e demonstradas na vida dos trabalhadores consiste em performar um gênero mobilizando emoções tidas socialmente como masculinas, ou evitando aquelas consideradas femininas para serem vistos como trabalhadores profissionais e negando, simultaneamente, a homossexualidade.

Considera-se, também, que evitar algumas emoções por conta da sexualidade, é uma forma também das organizações se apropriarem da performance de gênero, uma vez que os indivíduos devem performar uma identidade sexual cisheteronormativa por

meio das emoções, mesmo que fora do ambiente de trabalho tenha uma identidade que lhe permitam expressar emoções masculinas ou femininas.

Performar um gênero, por meio das emoções, que saia dos padrões estipulados por essa matriz, faz os sujeitos terem sua sexualidade e até mesmo seu gênero questionado pela sociedade. Esse não reconhecimento acontece por meio de apelidos depreciativos, fazendo com que o sujeito se adeque às normas dessa matriz para evitar ser reconhecido como aquilo que ele não é. Outro ponto importante é que existe uma tríade de questões mobilizadas para performar o gênero: corpo, emoção e construção social. É importante evidenciar que essa tríade cria o ser feminino como o sexo frágil, devendo este sempre demonstrar emoções “positivas” que o coloquem no lugar de submissão e de proteção, uma vez que são considerados sujeitos essencialmente emocionais, enquanto seus pares masculinos são tratados como essencialmente racionais.

Ainda que homens demonstrem emoções, eles não são concebidos como essencialmente emocionais e, ao olharmos a tríade sujeito, discurso e história, o gênero feminino foi construído discursiva e historicamente sobre a ideia do sexo frágil. Por meio desse discurso, que não é a-histórico, se opera a construção das emoções baseadas no gênero, em que as mulheres, principalmente, são educadas para expressarem emoções que remetam à passividade e à submissão não só no âmbito social, mas também no trabalho. A relação existente entre trabalho e emoção culmina em uma constante performance de gênero, pois, no cotidiano laboral, trabalhadores emocionais realizam atos performativos emocionais baseados na divisão social das emoções.

Assim como na vida privada, algumas emoções no ambiente de trabalho devem ser evitadas, não porque afetam o relacionamento com o cliente, mas porque fazem determinados sujeitos serem vistos como gays, principalmente aquelas que são expressas por meio do choro. Chorar no ambiente de trabalho pode demonstrar fraqueza e isso faz com que as pessoas tenham sua sexualidade posta em dúvida, principalmente homens. No ambiente do trabalho, as emoções associadas à fraqueza ou tidas socialmente como pertencentes ao universo feminino não questionam só a sexualidade do indivíduo, mas também o descredibiliza profissionalmente. É importante observar

que esse descrédito só ocorre quando se referem às emoções femininas. Assim, pode-se considerar que as organizações tendem a valorizar as emoções femininas em um corpo feminino, mas não em um corpo masculino. Nesse sentido, considera-se que o trabalho emocional é também um instituidor não só do gênero, mas também da sexualidade.

Em síntese, pode-se considerar que a Matriz Heterossexual masculina possui uma grade de inteligibilidade que compreende como características a virilidade, o poder de mando e decisão, a assertividade, a agressividade, o monopólio da força física e da força econômica (como provedor da família, por exemplo, e detentor do conhecimento “confiável” em termos econômicos), a habilidade para as ciências exatas, para as armas e a proteção da sociedade. Já a Matriz Heterossexual feminina detém como características a fragilidade física e emocional, a vulnerabilidade, a capacidade para os cuidados com os enfermos, as crianças e os idosos, a docência e o ensino dos anos escolares iniciais, a expressão das emoções e da sensibilidade e o cuidado estético.

Referências

BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo. V. 2. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2008.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; Gaskell, George (Org). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015, p. 39-63.

BISPO, Raphael; COELHO, Maria Coelho. Emoções, gênero e sexualidade: apontamentos sobre conceitos e temáticas no campo da antropologia das emoções. *Cadernos de campo*, v.28, n.2, p.186-197, 2019.

BOTTON, Andressa et al. Sexo e Sexismo. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Org). *Dicionário Crítico de Gênero*. Dourados: Ed. UFGD, 2019, p.669-672.

BRITO, Carolina Gonçalves Santos; ALMEIDA Carla Cristina Lima; ALMEIDA, Guilherme Silva Almeida. A necessária rediscussão da categoria divisão sexual do trabalho: inferências a partir de análises de experiências trans. In: MELO, Ana Inês Simões Cardoso; CARDOSO, Isabel Cristina da Costa; FORTI, Valeria Lucilia (Org.). *Trabalho, reprodução social e serviço social: desafios e utopias*. Rio De Janeiro: Navegando Publicações, 2020, p. 49-70.

BROSIN, Danuska; TOKARSKI, Maine Laís. Do gênero à norma: contribuições de Judith Butler para a filosofia política feminista. *Gênero*, v.18, n.1, p.98-118, 2017.

BRYMAN, Alan; BELL, Emma. *Business Research Methods*. Reino Unido: Oxford University Press, 2015.

BUTLER, Judith. Variations of sex and gender: Beauvoir, Wittig, Foucault. In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla (Org). *Essays on the politics of gender in late-capitalist societies*, Cambridge: Polity Press, 1988.

BUTLER, Judith. *Undoing Gender*. New York: Routledge, 2004.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016a.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016b.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: n-1 edições, 2019.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. São Paulo: Autêntica, 2016.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. Moschkovich, Marília. São Paulo: nVersos, 2015.

COURTINE, Jean Jaques. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. *Policromias*, v.1, n.1, p. 14-35, 2016

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Glossário de termos do discurso*. Porto Alegre: Instituto de Letras, 2001.

FORMIGA, Nilton Soares. Diferença de gênero nos antecedentes das emoções de raiva, alegria e tristeza. *Revista Científica Eletrônica De Psicologia*, v.1, n.6, p. 16-29, 2006.

GOFFMAN, Erving. The Arrangement between the Sexes. *Theory and Society*, v.4, n.3, p. 301-331, 1977.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux. In: GADET, Façoise; HAK, Tony (Org). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Péricles Cunha. Campinas: UNICAMP, 1993. p. 13-38.

JESUS, Jaqueline Gomes. *Orientações sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos*. Brasília, 2012.

JOANILHO, André Luiz; JOANILHO, Mariângela P. Galli. Enunciado e sentido em Michel Foucault. *Revista Línguas*, v.1, n.27-28, p.27-41, 2011.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena et al (orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo, UNESP, 2009

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MAGALHÃES, Anderson Salvaterra; KOGAWA, João. *Pensadores da análise do discurso: uma introdução*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019

McCRAKEN, Grant. *Long Interview*. London: Sage, 1988.

NUNES, César; SILVA, Edna. *A educação sexual da criança: polêmicas do nosso tempo*. Campinas, SP: Autores associados, 2000.

VIANNA, Cláudia Pereira. Sexo e gênero: masculino e feminino na qualidade da educação escolar. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997, p. 119 – 129.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, v.10, n.1, p.155-167, 2002

SCHROCK, Douglas; KNOP, Brian. (2014). Gender and Emotions. In: Stets, Jan E.; Turner, Jonathan H. (Org). *Handbook of the Sociology of Emotions: Volume II*. New York: Springer, 2014, p.411-428.

SOUZA, Eloísio Moulin. Fazendo e desfazendo o gênero. In: CARRIERI, Alexandre de Pádua; Teixeira, Juliana Cristina; NASCIMENTO, Marco César (Org). *Gênero e trabalho: perspectivas, possibilidades e desafios no campo dos estudos organizacionais*. Salvador: EDUFBA, 2015.

STAKE, Robert E. *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso, 2011